

Zeyheria tuberculosa (Vell.) Bureau ex Verl.

(buxo de boi, culhões de bode, ipê branco, ipê felpudo, ipê tabaco)

Família: Bignoniaceae

Sinônimos: *Bignonia tuberculosa*, *Jacaranda tuberculosa*, *Zeyheria kuntzei*

Endêmica: não³

Bioma/Fitofisionomia: Cerrado, Mata Atlântica³

Status de conservação: VU - Vulnerável (UICN)

Recomendação de uso: Silvicultura

O ipê felpudo é uma espécie utilizada na restauração florestal de áreas degradadas, e apresenta elevada importância ecológica por produzir folhas de fácil decomposição, sendo recomendado como espécie recuperadora de solos. Essa espécie é também recomendada para reposição de mata ciliar em locais sem inundação. Apresenta velocidade de crescimento moderada a rápida e seu porte varia de 6 a 23 metros. Sua madeira é utilizada na construção civil, na confecção de artefatos, e na produção de lenha e carvão por possuir alto poder calorífico. Suas flores são amarelas a alaranjadas e melíferas.

Etnobotânica e Histórico

Usos específicos: produtos madeireiros (cabo de ferramentas, dormentes, mourões, celulose e papel, tacos, carvão, lenha), produtos não madeireiros (alimentação animal (forragem), apícola, ecológico, ornamental)^{2,4,1}

Características gerais

Porte: altura 6.0-23.0m DAP 40-60cm^{1,2,4}

Cor da floração: amarela^{1,2}

Amarelas a alaranjadas.

Velocidade de desenvolvimento: Moderada, Rápida^{2,1,4}

Moderado a rápido (MATOS; GUEIROZ, 2009; CARVALHO, 2003), podendo atingir até 24 m³/ha/ano. Estima-se uma rotação de 5 a 10 anos para energia e de 15 a 20 anos para madeira (CARVALHO, 2003). A espécie atingindo facilmente 3 m aos 2 anos, caracterizando rápido desenvolvimento (LORENZI, 1998).

Persistência foliar: Semidecídua, Decídua^{4,2,1}

Sistema radicular: Pivotante¹

Formato da copa: Colunar^{1,2}

Diâmetro da copa: -

Alinhamento do tronco: Reto¹

Superfície do tronco: Fissurada^{1,2}

Tipo de fruto: Seco deiscente (Cápsula)^{2,1}

Cuidados

Poda de condução e de galhos: não¹

Pragas e doenças: -

Acúleos ou espinhos: -

Princípios tóxicos ou alergênicos: sim¹

Drenagem do terreno: Áreas bem drenadas¹

Essa espécie é recomendada para reposição de mata ciliar, em locais sem inundação.

Ecologia e Reprodução

Categoria sucessional: Pioneira, Secundária inicial^{5,1,4}

Polinizadores: Possivelmente por abelhas (MORELLATO, 1991). Abelhas e aves (YAMAMOTO et al., 2007).^{6,7}

Período de floração: outubro a fevereiro^{4,1}

De outubro a fevereiro no Estado de São Paulo (CARVALHO, 2003); de novembro a janeiro (LORENZI, 1998).

Tipo de dispersão: Anemocórica^{5,1,7}

Agentes dispersores: -

Período de frutificação: outubro a setembro^{4,1}

De outubro a fevereiro em São Paulo (CARVALHO, 2003); julho a setembro (LORENZI, 1998).

Associação simbiótica com raízes: não^{8,9}

Segundo o trabalho de Zangaro et al. (2002), a espécie não respondeu a inoculação de micorrizas arbusculares (MA). Já Carneiro et al. (1998), afirma que a espécie apresenta baixa incidência de MA em viveiro.

Produção de mudas

Obtenção de sementes: Coleta de frutos na árvore^{2,1,4}

Os frutos devem ser coletados quando inicia-se a mudança de cor para marrom ou diretamente da árvore quando a deiscência inicia em algum deles. Após a coleta, os frutos devem ser postos para secar à sombra, para perda do excesso de umidade. Posteriormente, devem ser colocados ao sol, por cerca de 3 dias, até sua abertura. A extração das sementes aladas pode ser feita manualmente (CARVALHO, 2003). Na secagem dos frutos, deve-se utilizar uma tela protetora que não permita que as sementes sejam levadas pelo vento, uma vez que possuem baixa densidade (LORENZI, 1998).

Tipo de semente: Ortodoxa^{5,1}

Tratamento para germinação: Sem necessidade de tratamento, Tratamentos combinados^{5,1}

Sem necessidade de tratamento (CARVALHO, 2006). Outra opção é imersão em água a temperatura ambiente por 15 horas (MORI et al., 2012).

Produção de mudas: Recipientes individuais^{4,2,1}

As sementes devem ser postas para germinação logo que colhidas, devido a rápida perda de viabilidade germinativa (LORENZI, 1998). Recomenda-se semear uma semente diretamente em saco de polietileno com dimensões mínimas de 20 cm de altura e 10 cm de diâmetro, ou em tubete de polipropileno grande (CARVALHO, 2003). Se semeadas em canteiros, estes devem ser semi sombreados, contendo substrato orgânico argiloso, e quando as mudas alcançarem 4 a 6 cm, transplantá-las para embalagens individuais. Em mais 60-90 dias já podem ser levadas para plantio no local definitivo (LORENZI, 1998). A espécie também se propaga por estacas de ramos ou de raízes. (MATOS; QUEIROZ, 2009).

Tempo de germinação: 7 a 67 dias^{1,4,2}

Taxa de germinação: 30 a 90%^{2,5,1}

Número de sementes por peso: 15000/kg^{4,5}

Exigência em luminosidade: Exigente em luz^{4,1}

Espécie heliófila.

Dados madeireiros

Possui curva de incremento médio anual (IMA): -

Possui curva de incremento corrente anual (ICA): -

Bibliografia

- ¹ CARVALHO, P. E. R. Espécies arbóreas brasileiras. 1. ed. Brasília: Embrapa Informação Tecnológica, 2003. v. 1, 1039 p.
- ² MATOS, E.; QUEIROZ, L. P. de. Árvores para cidades. Salvador: Ministério Público do Estado da Bahia: Solisluna, 2009. 340 p.
- ³ LOHMANN, L. G. Bignoniaceae. In: Lista de Espécies da Flora do Brasil. Rio de Janeiro: Jardim Botânico do Rio de Janeiro, 2013. Disponível em: Acesso em: 23 jul. 2013.
- ⁴ LORENZI, H. Árvores brasileiras: manual de identificação e cultivo de plantas arbóreas nativas do Brasil. Nova Odessa: Editora Plantarum, 1998. v.1, 360 p.
- ⁵ MORI, E. S.; PIÑA-RODRIGUES, F. C. M.; FREITAS, N. P.; MARTINS, R. B. Sementes florestais: guia para germinação de 100 espécies nativas. São Paulo: Instituto Refloresta, 2012. 159 p.
- ⁶ MORELLATO, L. P. C. Estudo da fenologia de árvores, arbustos e lianas de uma floresta semidecídua no sudeste do Brasil. 1991. 176 f. Tese (Doutorado em Biologia) - Instituto de Biologia, Universidade Estadual de Campinas, Campinas. 1991.
- ⁷ YAMAMOTO, L. F.; KINOSHITA, L. S.; MARTINS, F. R. Síndromes de polinização e de dispersão em fragmentos da floresta estacional semidecídua montana, SP, Brasil. Acta Botanica Brasilica, Feira de Santana, v. 21, n. 3, p. 553-573, 2007.
- ⁸ CARNEIRO, M. A. C.; SIQUEIRA, J. O.; MOREIRA, F. M. S.; CARVALHO, D. de; BOTELHO, S. A.; JUNIOR, O. J. S. Micorriza arbuscular em espécies arbóreas e arbustivas nativas de ocorrência no sudeste do Brasil. Cerne, Lavras, v. 4, n. 1, p. 129-145, 1998.
- ⁹ ZANGARO, W.; NISIZAKI, S. M. A.; DOMINGOS, J. C. B.; NAKANO, E. M. Micorriza arbuscular em espécies arbóreas nativas da bacia do Rio Tibagi, Paraná. Cerne, Lavras, v. 8, n. 1, p. 77-87, 2002.